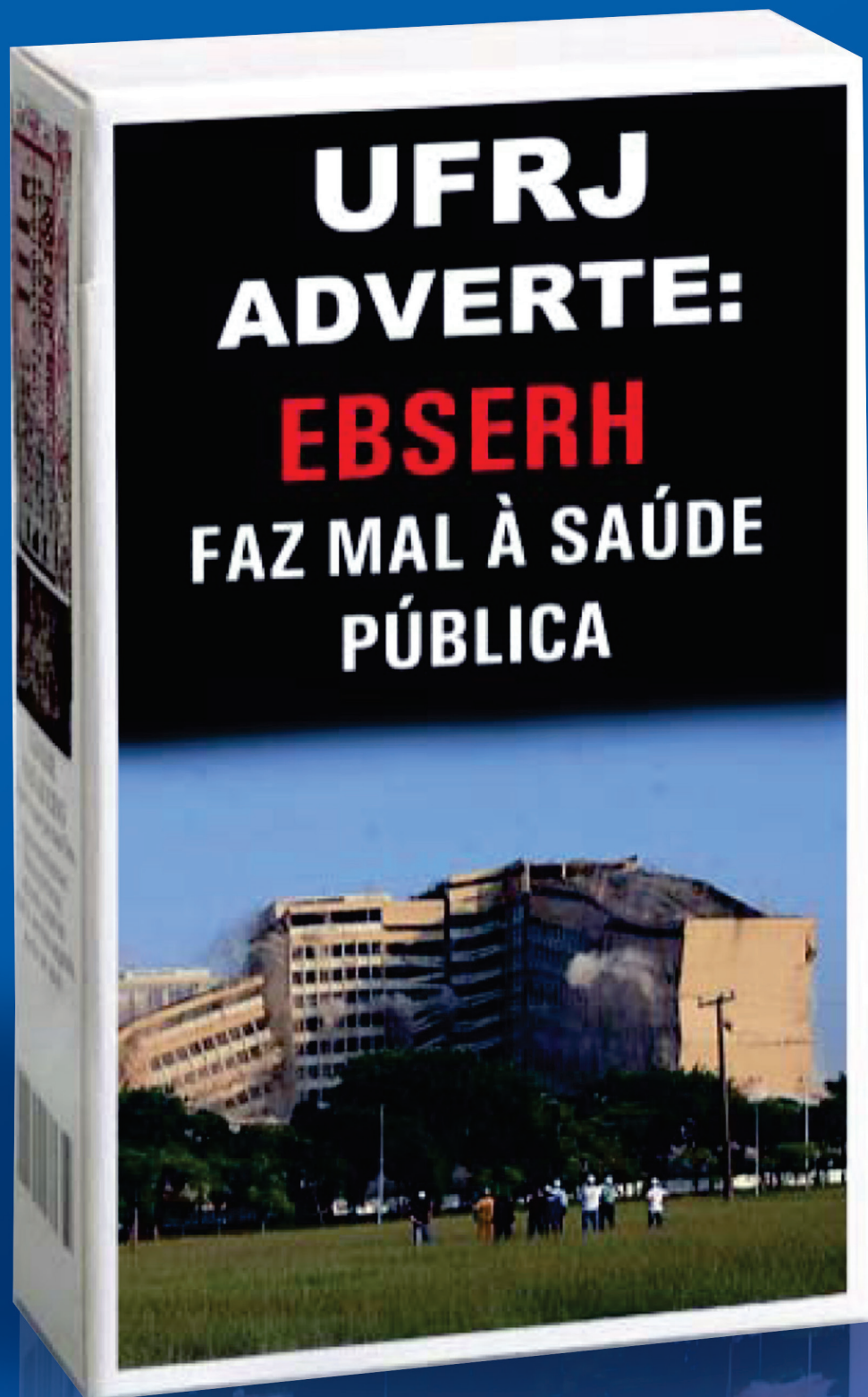


Especial Sintufrj

28 de agosto de 2023

www.sintufrj.org.br

CONSUNI
AUTORIZOU
ABRIR
NEGOCIAÇÃO.
NÃO ADESÃO!



MARCA da campanha
de resistência
da comunidade
universitária

**A SOLUÇÃO PARA OS HOSPITAIS UNIVERSITÁRIOS
ESTÁ NA RECOMPOSIÇÃO ORÇAMENTÁRIA**

Por que somos contra a Ebserh

1 – É uma empresa terceirizadora dos recursos diretos da universidade aos hospitais e do Ministério da Saúde e SUS. Ou seja, é uma intermediadora que vai usar parte destes recursos em seu gasto administrativo. Consideramos que a solução orçamentária é a recomposição das verbas do MEC, MS e SUS para os hospitais.

2 – A empresa funciona cortando custos e buscando lucro, algo incompatível com o preceito constitucional da saúde pública, que prima pela

garantia universal de acesso à saúde para a população. Hoje em dia o modelo é de autarquia (gestão direta pelo Estado) nos hospitais universitários.

3 – A Ebserh contrata por meio da CLT, criando um conflito de vínculo com o regime estatutário vigente na força de trabalho. Sabemos que em outros locais isso não deu certo. A solução de fato é a reposição de quadros dos hospitais por via de concursos públicos.

4 – O número de leitos funcionando não cresceu signi-

ficativamente. Pois este problema somente é resolvido com a reposição de pessoal.

5 – A questão dos extraquadro não será resolvida, pois a Ebserh contratará outros funcionários.

6 – Fim da autonomia e gestão da UFRJ sobre os hospitais. O trabalhador não poderá votar em seus chefes, pois estes serão indicados pela empresa. Como questionar gestores que não elegemos?

7 – A UFRJ conta com os melhores cursos de MBA em

gestão hospitalar, por que não aproveitar? Não precisamos de gente de fora.

8 – Os relatos das relações de trabalho nos hospitais que adotaram a Ebserh mostram sobrecarga de trabalho, assédio e até mesmo cessão compulsória de servidores para a tutela da empresa, fato que coloca em risco a própria qualidade do trabalho vital para a população.

9 – Direitos dos trabalhadores RJU conquistados na luta, a exemplo das 30 horas, estão ameaçados.

Foto: Renan Silva

UFRJ resiste à empresa

2013 – Proposta de adesão à Ebserh é rejeitada na comunidade acadêmica por meio de plebiscito organizado por Adufrj, Sintufjr e DCE Mário Prata. Um protesto com mais de mil pessoas ocupou o auditório do CT para repudiar a tentativa de entrega do patrimônio.

2014 – O médico Eduardo Cortez é eleito diretor do HUCFF com uma campanha contra a adesão à Ebserh.

2015 – O professor Roberto Leher é eleito reitor com uma campanha de resistência à Ebserh.

2019 – A professora Denise Pires de Carvalho é eleita reitora, realizando um vídeo no qual deixa claro que em sua gestão não seria aprovada a Ebserh.

2023 – O professor Roberto Medronho é eleito dizendo que não aprovaria a Ebserh sem um debate científico sobre as consequências e resultados da adesão em outros hospitais Brasil afora e que, para tal, definiria uma comissão paritária sobre o tema.

CONSUNI HISTÓRICO. Em 2013 colegiado barrou a Ebserh

Sintufjr
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CNPJ: 42.126.300/0001-61

Cidade Universitária - Ilha do Fundão

Rio de Janeiro - RJ

Cx Postal 68030 - Cep 21941-598

EXPEDIENTE

Coordenação de Comunicação Sindical: Adriano Cícero Rabello, Marli Rodrigues da Silva e Nivaldo Holmes de Almeida Filho / **Conselho Editorial:** Coordenação Geral e Coordenação de Comunicação / **Equipe de Edição:** Ana de Angelis e L. Maranhão / **Reportagem:** Ana de Angelis, Eliane Amaral e Regina Rocha / **Projeto Gráfico:** Jamil Malafaia / **Diagramação:** Luis Fernando Couto, Edilson Soares Martins e Jamil Malafaia / **Fotografia:** Renan Silva / **Revisão:** Roberto Azul / **Tiragem:** 1500 exemplares / *As matérias não assinadas deste jornal são de responsabilidade da Coordenação de Comunicação Sindical* / **Impressão:** 3graf (21) 3860-0100.

FALE COM A REDAÇÃO: comunic@sintufjr.org.br.

Sintufrj cobra debate amplo

Dirigente vai ao Conselho Universitário e diz que nenhum segmento da comunidade universitária deve ser excluído da decisão sobre a adesão à Ebserh

Um dos momentos da Semana de Mobilização contra a Ebserh teve como cenário a sessão de quinta-feira, 24, do Conselho Universitário. Lá, vestido com a camisa da campanha “UFRJ adverte: Ebserh faz mal à saúde!”, Esteban Crescente, coordenador-geral do Sintufrj, cobrou a democratização do debate sobre a Ebserh antes da tomada de qualquer decisão em prejuízo da UFRJ e de seus hospitais universitários. Estavam também presentes à reunião do colegiado outros dirigentes do sindicato e integrantes do movimento contra a Ebserh.

Nos dias anteriores à ida ao Consuni, o Sintufrj promoveu algumas ações para chamar a atenção da comunidade universitária sobre a intenção da Reitoria de aderir à empresa. A campanha do sindicato coincide com a visita de analistas da Ebserh às unidades de saúde da instituição como mais um passo na negociação em curso, aprovada de maneira açodada no colegiado, em 2021, sem escutar os milhares de trabalhadores das unidades hospitalares e institutos que compõem o Complexo Hospitalar da UFRJ.

Esteban levou ao colegiado a posição do Sintufrj e de setores relevantes da comunidade universitária



Fotos: Elisângela Leite

NO HUCFF. Na Semana de Mobilização, panfletagens foram realizadas em unidades de saúde da universidade. Ao lado, intervenção de dirigente do Sintufrj no Consuni



contra a entrada da Ebserh na UFRJ. O dirigente cobrou o compromisso de campanha do reitor Roberto Medronho de criar uma comissão paritária para tratar do assunto.

MOBILIZAÇÃO

A mobilização empreendida pelo sindicato para pôr na agenda da universidade o assunto tem resultado em ações envolvendo a direção do Sintufrj, apoiadores da gestão e trabalha-

dores da base percorrendo unidades de saúde e entregando panfleto esclarecedor sobre as razões pelas quais o sindicato e parte da comunidade universitária não querem a terceirização do comando dos hospitais da universidade.

Segundo Esteban, o movimento contra a Ebserh foi surpreendido, em julho, pela notícia de que fora constituído um grupo de trabalho, liderado por alguém “com notório

entusiasmo pela adesão à empresa”.

A reivindicação é que este grupo de trabalho seja ampliado, com a participação das entidades representativas dos três segmentos da universidade, para que realmente ocorra o debate sobre o tema. “Queremos fazer parte do debate”, afirmou o coordenador do Sintufrj. Ele apontou a necessidade de análise dos impactos da empresa nas instituições

que já a adotaram como gestora de seus hospitais. “Tem que haver contraponto entre as visões divergentes”, ponderou.

Em assembleias e congressos do sindicato e da Fasubra, já foi manifestada a rejeição à Ebserh, mas, de acordo com Esteban, a entidade está disposta a fazer o debate, mesmo a Reitoria tendo iniciado negociações com a empresa sem levar em consideração a reivindicação de debate.

Reitor: nada será assinado sem debate no conselho

Segundo Roberto Medronho, a decisão de abertura de negociação com a Ebserh foi aprovada pelo Consuni em dezembro de 2021, e ele se comprometeu a respeitar as deliberações dos colegiados. Disse que não há contrato assinado com a empresa e que não irá assiná-lo sem antes colocar o fato em discussão no conselho. “Ou seja, meu compromisso está mantido”.

Entrevista/EDUARDO CÔRTEZ

'Ebserh não é panaceia'

Ex-diretor do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho (HUCFF) e professor da Faculdade de Medicina da UFRJ explica por que é contra a Ebserh.

■ A Ebserh é a solução para a sobrevivência dos HUs?

● Não. A Ebserh não é uma panaceia, um remédio que vá curar todas as dificuldades ou enfermidades dos hospitais. O gestor local, o diretor do hospital, tem de ser bom. Um mau gestor não vai resolver os problemas de um hospital, com ou sem Ebserh. Não vai fazer crescer orçamento e inovar, e vai perder leitos. A redução de leitos é um desastre em um hospital universitário de ensino, pois limita o campo de treinamento de centenas ou milhares de alunos de graduação e pós-graduação de todas as áreas de saúde, e compromete de forma irreparável as pesquisas da instituição.

■ Qual seria a alternativa à Ebserh?

● Boa gestão é sempre uma boa alternativa, mas não é a única. A administração do hospital e também da Reitoria precisam ser eficientes, transparentes e sinérgicas. Sem grupismos nem revanchismos. Dentro da estrutura atual das universidades federais, inclusive da UFRJ, uma reitoria pode ajudar ou atrapalhar o

hospital universitário. No nosso caso, o HUCFF não é orçamentado, não tem orçamento próprio. A única fonte de renda é a contratualização com o MAC/SUS, que descentraliza recursos para cobrir as despesas do hospital com o atendimento de milhares de pacientes internados, na emergência e em ambulatorios. Esses recursos só podem ser usados em custeio. Não podem ser usados para investimentos de infraestrutura, aquisição de equipamentos, pagamento de extraquadro (esta é uma despesa da UFRJ, do Ministério da Educação).

Os hospitais universitários recebem também verbas do programa Rehuf, uma junção de recursos do Ministério da Saúde e da Educação que podem ser usados para investimento, mas que nunca se sabe quando e nem quanto vêm. Portanto, o investimento do hospital vai depender da reitoria ou, então, da capacidade do diretor de conseguir recursos extras em Brasília. Não é uma situação fácil.

■ Qual é a situação do hospital?

● Não houve adesão à Eb-

serh de nenhum dos hospitais da UFRJ. No HUCFF temos, atualmente, em torno de 185 leitos em atividade, com 9 leitos no CTI geral e mais 9 leitos no total para unidade coronariana e cirurgia cardíaca. Em 2017 eram 265 leitos. É muito pouco, considerando que o hospital há teve aproximadamente 515 leitos. Atualmente poucas cirurgias de alta complexidade, e também de média e pequeno porte, em função das limitações da capacidade de internação. O HUCFF tem um quadro de pessoal de excelência, que poderia prestar um serviço ampliado para a população carente que tanto necessita de cuidados de saúde.

■ A seu ver, quais as consequências da adesão da UFRJ à Ebserh?

● Difícil dizer. No caso do HUCFF, a Ebserh precisaria apresentar um plano de investimento e recuperação da infraestrutura física do prédio, de novos equipamentos. E também do planejamento de reposição para a escassez de pessoal em diferentes áreas e dos futuros aposentados.

Outro ponto impor-



Foto: Divulgação

CÔRTEZ. "Boa gestão é sempre alternativa, mas não é a única"

tante é saber qual a proposta real para os trabalhadores extraquadro, que desempenham funções primordiais em todas as áreas (administrativa, atendimento de pacientes, e no ensino e na pesquisa). Sem essas pessoas, o HUCFF não teria condições de estar funcionando todo esse tempo. Saber quais são as propostas da Ebserh para reposição de pessoal é fundamental.

Outro ponto a ser bem esclarecido é sobre qual a fonte de recurso

para a contratação de substituição de um aposentado. De onde virá esse recurso? Se vier do orçamento da Ebserh, será importante saber se a UFRJ perderá seu orçamento de substituição de aposentado, que será repassado à Ebserh. Se for esse o caso, a UFRJ perderia parte de seu orçamento, que seria transferido para a empresa contratar o substituto de um aposentado. Este é um ponto importante que precisa ser esclarecido.

Entrevista/ROBERTO GAMBINE

'Temos uma história e um legado'

Ex-pró-reitor de Pessoal, servidor do Instituto de Doenças do Tórax e representante técnico-administrativo no Conselho Universitário (Consuni).

■ A Ebserh é necessária?

● Não, por uma razão muito simples: até hoje a gente não sabe o que a Ebserh propõe para o conjunto dos hospitais da UFRJ. Somos diferentes do resto do país. Temos quatro hospitais credenciados e cinco institutos especializados. É com essa realidade que devemos discutir sobre qualquer iniciativa de contratualização com essa empresa.

A primeira questão que deixa todos inseguros é o desconhecimento do que se pretende propor. Qual o grau de investimento para a UFRJ? Como a UFRJ pretende dimensionar essa contratação? Por 10, 20, 50 anos? Existe iniciativa de recuperação da infraestrutura das unidades de saúde? Ninguém sabe. É preciso conhecer o que a empresa propõe para todas as unidades.

■ Como o senhor acha que ficará a vida dos trabalhadores nas unidades de saúde com a Ebserh?

● Esse é outro aspecto importante. Durante a pandemia, os profissionais de saúde do Hospital Universitário eram reverenciados pela Reitoria pela sua

coragem, determinação, compromisso e dedicação. Agora, na hora de discutir uma proposta que pode interferir diretamente na vida deles, ninguém chama essas pessoas para conversar? Estamos falando de servidores que têm uma longa trajetória na universidade, e o mínimo que se deveria considerar é envolvê-los nessa discussão.

São mais de quatro mil servidores, boa parte de nível superior, profissionais da mais alta capacidade que enfrentam situações adversas cotidianamente.

■ A Ebserh é um cheque em branco?

● A gente não entra numa negociação sem nada: temos um parque de unidades hospitalares instalado com toda uma estrutura de funcionamento importante, com equipes de primeira linha. A gente tem uma história e um legado na área da saúde e do estado. Isso deve ser objeto de negociação e não de uma capitulação, uma decisão às cegas. Espero que a intenção não seja um cheque em branco. Estamos falando de uma estrutura pública e não privada. Não é de nenhum diretor ou reitor; é do povo do Rio de

Janeiro.

Somos a UFRJ, a maior universidade federal do país. Instituição centenária, com reconhecimento interno e externo pela população. E na hora de uma discussão dessas, que pode ter impacto importante, tanto para o bem como para o mal, temos que ter calma e conhecimento do que estamos nos propondo a fazer, e o compromisso firmado para que se possa cobrar resultados.

A empresa terá que apresentar o que quer fazer. Haverá investimento em infraestrutura? Quanto teremos de custeio para assistência à população? Isso tudo tem que vir à tona, porque faz parte do processo democrático da gestão de uma instituição pública e em respeito às pessoas que trabalham e dedicaram sua vida a prestar assistência à saúde da população.

■ Então, urge a realização de amplo debate?

● Sim. O debate sobre a Ebserh tem que sair da obscuridade, para que a gente possa escolher a melhor decisão do ponto de vista da UFRJ. A contratação pode até acontecer, desde que seja objeto de



Foto: Elisângela Leite

GAMBINE. "Qual o grau de investimentos para a UFRJ?"

debate e amplo conhecimento. Se não me engano, na recente eleição para reitor, houve a proposta de criar um grande grupo de trabalho em que se faria a avaliação dos 10 anos de funcionamento da Ebserh em outros hospitais. Vamos ver se isso acontece.

■ Qual a solução para os HUs fora da Ebserh?

● Investir em recursos e em pessoal em relação à demanda. A universidade tem plena capacidade para lutar por isso, conforme aconteceu para o

enfrentamento da pandemia. Ninguém andou para trás, o que demonstra o enorme esforço e compromisso da universidade, e isso deve ser respeitado numa discussão onde se quer pensar o futuro da instituição.

É estranho que a discussão sobre a Ebserh se trave de forma tão obscura, tão desconhecida, ou, talvez, muito restrita a um conjunto de pessoas que não envolve a amplitude dos trabalhadores das nossas unidades hospitalares.

Ebserh: sinônimo de mau atendimento à população e conflitos trabalhistas



ANÁLISE. Coordenadora da Fasubra cita exemplo do hospital da Paraíba para confirmar o diagnóstico sobre a Ebserh

“**A** Ebserh é extremamente desnecessária, porque foi desvirtuada da sua origem (a legalização das fundações por intermédio das quais os contratos eram geralmente firmados). Dizia-se que a universidade não tinha capacidade de administrar seus hospitais e que uma empresa de economia mista seria mais eficaz. Mas na grande maioria dos hospitais onde tem Ebserh há vários problemas”, afirmou Eurídice de Almeida, coordenadora de Saúde e Hospitais Universitários da Fasubra.

Durante dez anos, ela representou a Federação no Conselho Nacional de Saúde (CNS). A sua atuação garantiu a aprovação, em janeiro de 2011, da moção de repúdio à MP 520 (de 2010, que criou a Ebserh). A medida foi considerada comprometedor a formação e à produção de conhecimento pela sua lógica de mercado visando

ao cumprimento de metas e ao aprofundamento da precarização nas relações de trabalho.

CONFLITOS EM TODAS AS ÁREAS

Com base na sua longa experiência junto aos HUs como dirigente da Fasubra no CNS, Eurídice faz uma análise sobre os conflitos e problemas que passaram a existir nas universidades que aderiram à Ebserh. O principal deles ocorre entre os regimes de trabalho RJU e a CLT, que são totalmente diferentes, o que está ocasionando assédio de toda sorte, principalmente administrativo.

Isso porque, segundo a coordenadora, todas as normativas que vêm da empresa não são compatíveis com o Regime Jurídico Único. “É na forma de implementar onde mais se manifesta o assédio institucional. Não há conversas e nem orientações a respeito. O número de licenças por adoecimento cresce a cada dia, assim

como os pedidos de aposentadorias. Até precoces”, acrescentou Eurídice. “Se os trabalhadores da Ebserh têm suas reivindicações aceitas, os do RJU têm dificuldades. Quando há greve, quem cumpre os 30% (do quadro mínimo que deve permanecer em atividade) são os do RJU.”

“A questão salarial é ainda pior. Tem muita distinção. Em todas as áreas: auxílio-alimentação, percentual de insalubridade, e os salários (CLT) são reajustados por negociação coletiva dos sindicatos com a Ebserh”, listou.

DEMOCRACIA INTERNA

“Não existe. Até onde sei, depois da Ebserh, não conheço hospital no país que tenha havido eleições para a escolha de dirigentes dos HUs. As direções são impostas. A maioria dos que ocupam as superintendências continua sendo do quadro da universidade (RJU). E a motivação (para

a entrada da Ebserh), que seria a má administração dos hospitais pela universidade, não se sustenta.

Na maioria dos contratos existe cláusula onde diz que é necessário ter uma comissão para acompanhamento da gestão. Porque se a gestão for inoperante, o contrato pode ser quebrado. Só que na maioria dos hospitais – até onde conhecemos, embora não tenhamos estatísticas oficiais – não há comissão. As próprias universidades não fazem.”

PROMESSAS MENTIROSAS

Segundo Eurídice, na maioria dos hospitais universitários administrados pela Ebserh o número de leitos tem diminuído, como também o atendimento à população.

“No nosso aqui – Hospital Universitário Lauro Wanderley, em João Pessoa, Paraíba –, a situação é muito difícil. Até porque temos um interventor

(na reitoria). Isso tudo influi. O número de pessoal também não aumentou. A promessa de aumento do atendimento, da qualidade e de reestruturação dos hospitais não foi cumprida na grande maioria das unidades sob a gestão da Ebserh. Os servidores internos não contam mais com o Serviço de Atendimento Médico; é preciso passar pela regulação do SUS”, lamentou a coordenadora.

“O perfil de hospitais de ensino e pesquisa está desvirtuado. Não existe mais esse espaço institucional da forma como era antes da Ebserh”, diz ela.

“Querem mostrar que uma gestão produtivista é muito mais competente, na contramão do que o governo Lula defende e está na Constituição: uma universidade pública, gratuita, laica e de qualidade, prerrogativas dos trabalhadores e do serviço público”, pontuou Eurídice.